

O DINAMISMO DA CULTURA AFRO

Antônio Aparecido da Silva*

Os afrodescendentes têm hoje a consciência de que ao falar em cultura afro na diáspora, ou seja, em nosso continente, o mais correto é o tratamento no plural: culturas afros. Isto porque os africanos que foram trazidos como escravos para as Américas eram oriundos de diversos povos e culturas africanas: Bantus, Yorubas, Geges, Minas, e outros. Sabe-se que por interesses óbvios por parte dos dominantes, a identidade própria de cada povo africano não era destacada, no período da escravidão. Os homens e mulheres trazidos da África eram simplesmente designados como: “africanos, negros, pretos, escravos ou boçais”. Isto fez com que a maioria dos negros não guardassem a memória étnica e a identificação precisa de suas culturas de origem.

Nina Rodrigues está entre os primeiros, senão o primeiro mesmo entre nós, a estabelecer de maneira científica uma classificação cultural dos negros nas Américas. Em seu livro, “Os Africanos no Brasil”, escrito no início do século, o médico baiano oferece uma série de informações sobre os negros que se encontram em nosso país e trata as peculiaridades de suas culturas. Entre outros aspectos Nina aborda as dificuldades sobre o estudo do negro no Brasil, as suscetibilidades que provoca, suas origens e impropriedade, e outras questões mais. A sua obra é referência obrigatória para o estudo da antropologia afro no Brasil (1).

É importante que se diga que hoje os estudos acadêmicos e as reflexões desenvolvidas a partir das comunidades negras, particularmente nos grupos negros militantes, a diversidade cultural afro tem sido tomada em sério. Cada vez mais está sendo valorizada a pluralidade étnico cultural afro. Não sem grandes dificuldades começam a serem percebidos pelos negros os seus traços de origem. No Brasil, por exemplo, as pessoas não só vão observando a óbvia diferença entre os negros baianos e mineiros, mas encontrando no pluralismo cultural afro as razões de tais diferenças. As diferenças estão estampadas na maneira de ser de cada um destes povos regionais brasileiros. Um é o baiano. Outro é o mineiro. Em termos afro brasileiros, depois dos negros mineiros e baianos, tudo o que vem depois, são derivações, com pequena exceção para o Maranhão onde os negros têm origens mais diversificadas.

Minas Gerais, marcadamente banto, tem uma contrastante harmonia com a yorubana Bahia. São duas maneiras de ser. A Bahia é exuberante nas suas formas de expressão. Minas Gerais é reflexiva no sentido mais

filosófico do termo. As características afro do ser baiano e mineiro, estão expressas de maneira muito patente em duas figuras com estilos inconfundíveis: Milton Nascimento e Gilberto Gil. O músico e cantor baiano é a expressão típica do nagô, yoruba. Ágil, vibrante, sagaz no falar, no cantar e no gingado veloz do corpo. Quando Gil canta, a voz e o corpo cantam juntos. Milton Nascimento é outro estilo. É um banto jeito mineiro de ser. Quando Milton canta, não se sabe se é canção ou se é prece; Não dá para saber se está cantando ou rezando. A cultura banto leva à profundidade da alma, tem uma mística própria.

Em algum momento deste nosso estudo retomaremos as ricas particularidades bantos e nagôs, mesmo porque não dá para falar de culturas afro sem fazer referência a estas duas tradições. Entretanto, na reflexão que segue, usaremos o termo no singular: Cultura afro. E assim, falando em dinamismo da cultura afro queremos nos referir ao conjunto das culturas afro brasileiras e afro latino americanas que embora caracterizadas pela diversidade, expressam a unidade dos povos africanos na diáspora.

Cultura afro quer designar os traços culturais comuns dos negros e negras que aqui se encontram desde os inícios da escravidão. A resistência, as lutas libertárias nas suas várias expressões, são algumas destas práticas comuns aos povos negros. Nós, os negros e negras, não temos dúvidas de que as expressões culturais de ontem são reproduzidas no presente, o que significa que a cultura afro não é somente um depósito cultural, mas se caracteriza por um dinamismo que faz dela uma das referências na atual produção cultural.

Na reflexão que faremos em seguida, trataremos três aspectos da dinâmica cultural afro. Em primeiro lugar contemplaremos a resistência e a criatividade afros como características marcantes da cultura negra. Na sequência abordamos a particularidade do dinamismo cultural afro já no regime de liberdade. Entendemos que merece atenção especial a questão do dinamismo cultural afro religioso. E, finalmente, trataremos a projeção do dinamismo afro cultural na perspectiva do futuro (novo milênio).

1. Resistência e criatividade, dois aspectos da cultura afro.

Podemos falar de dinamismo da cultura afro, com propriedade, desde os primeiros tempos da escravidão. Antes de mais nada é importante constatar que a barbárie da escravidão estabeleceu uma ruptura nos processos culturais vividos pelos povos africanos que foram vitimados por esta prática hedionda. É sabido que as etnias afros foram propositadamente

misturadas dificultando assim a comunicação entre os negros. Além disto, o fato de estarem fora do seu habitual contexto, e privados dos seus meios de produção, seja no que se refere ao trabalho material ou à simbologia, impedia aos negros de continuarem agindo e fazendo exatamente como faziam até então na África.

Entretanto os artifícios usados pelos senhores não conseguiram impedir que o negro continuasse sendo negro. Dominaram as forças de trabalho dos negros, mas não conseguiram tornar cativa a sua alma cultural. Entre os negros os ensinamentos de Jesus realizaram-se: “Não tenham medo daqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Pelo contrário, tenham medo daquele que pode arruinar a alma e o corpo”(2).

Por certo, a cultura é a alma de um povo. Dela dependem inclusive as relações de produção, como lembra o professor Ianni: “Para que possam reproduzir-se, as relações imperialistas de produção dependem da produção cultural, tanto quanto da material. A produção cultural faz parte das relações de interdependência, alienação e antagonismo que caracterizam as relações capitalistas de produção. Para concretizar-se, a reprodução internacional do capital implica na reprodução, em conjunto, das condições materiais e espirituais da apropriação do excedente econômico gerado pela força de trabalho nos países colonizados e dependentes”(3).

O professor Octávio Ianni está correto nas suas observações, não resta a menor dúvida, entretanto, é igualmente verdadeira a recíproca, ou seja, a cultura oprimida reage, e às vezes de modo espetacular, criando novas formas de ação. No caso da população negra reduzida à condição de escrava, a criatividade se faz presente desde os primeiros momentos da escravidão. O “banzo”, por exemplo, que não deixa de ser uma lídima expressão cultural recriada do engenho do negro, atesta esta realidade.

Se a cultura aponta para valores situados, e desde este ponto de vista profundos, o “banzo” na sua dimensão simbólica constituiu um gesto coletivo de profunda significação ética e cultural. Resistir até o custo da própria vida para fazer sobressair a dignidade, este foi o sentido mais profundo do protesto simbolizado no “banzo”. No gesto dos negros e negras mártires do “banzo” não está de forma alguma o descrédito pela vida, ao contrário, expressam através deste gesto extremo a irreverência para com a morte e a opressão (4).

A prática do banzo, a perda da gravidez, o boicote aos senhores e seus capatazes, a elaboração de instrumentos de defesa, a criação da capoeira, a elaboração de códigos linguísticos, são fatos que mostram a criatividade cultural dos negros nos primeiros momentos da escravidão. Os códigos

elaborados ou gírias, deixavam confusos aqueles que faziam parte do aparelho de repressão. Castellanos, falando dos artifícios usados pelos negros para despistar seus opressores, referindo-se ao contexto afro cubano, observa que os agentes de polícia ficavam desorientados com a linguagem das orações feitas pelos africanos: “Bofunolofin Illá mitilloco te ba dide y lla mi tu lla de lla de mal o fumilla” ou “Illá mi llamallá teraguaná sanabiologó o lo dú marcillá um fé llá o mi”(5). O som das palavras parecia a língua lucumí, entretanto, na verdade os negros usavam um mosaico de palavras e expressões de mais diversa procedência.

No período da escravidão, aliás como é comum acontecer numa sociedade dividida em classes, havia duas práticas culturais. Uma, a dos dominantes, que vai constituir-se na base da cultura oficial. E a outra que emerge do mundo dos escravos. Esta segue paralela à cultura oficial, e vai dar origem à cultura da marginalidade, caracterizando-se pela resistência.

A cultura dos negros, ou da marginalidade e resistência como é caracterizada, embora não sendo oficial, na verdade sempre esteve em evidência. Não há como não considerar a originalidade da cultura negra. A sua inspiração, por certo, está na África, mas ela é totalmente recriada a partir da situação de Brasil ou de América e Caribe.

Com a cultura oficial ocorre exatamente o contrário. Trata-se de uma cultura de imitação sem identidade própria. A nobreza nacional, escrava de seus próprios caprichos, vê-se obrigada a imitar ridiculamente os costumes e hábitos europeus sem qualquer originalidade. Mesmo assim é esta cultura dos opressores que irá ser legitimada e transforma-se também em padrão legitimador dos hábitos e costumes até os dias de hoje.

A observação de Ianni nos ajuda a compreender este fator da forçada predominância da cultura oficial imperialista. Segundo Octávio Ianni, “a cultura imperialista torna-se particularmente visível e efetiva em duas situações especiais. Primeiro, quando uma sociedade colonizada ou dependente luta para reduzir ou romper a dominação externa. Segundo, quando as classes assalariadas da sociedade colonizada ou dependente lutam para reduzir ou suprimir a dominação burguesa. Nessas situações, a burguesia imperialista movimenta a sua ciência e a sua técnica, os seus cientistas e os seus técnicos (relativamente a questões políticas, econômicas, militares e culturais) para evitar, controlar ou circunscrever os movimentos de ruptura”(6).

Mesmo sem o selo da oficialidade, o processo cultural de resistência acompanha a trajetória da população negra e por consequência de toda a sociedade brasileira ao longo de toda a história. A forma de organização dos

quilombos, o jeito de ser, o modo de fazer e produzir que aí ocorreram, evidenciaram particularidades culturais que prolongaram no tempo a criatividade e a resistência afros. Este prolongamento cultural assim caracterizado, vai ter continuidade nas lutas libertárias pela abolição da escravidão.

Para que a abolição resultasse, por certo que foram determinantes os interesses sobretudo econômicos das nações dominantes. Entretanto não podem ser subestimadas as constantes ações de resistência dos negros. Só na Bahia no século passado foram em torno de 10 as lutas negras contra a dominação escravista sendo que a última delas foi a famosa “revolta dos malês” em 1835.

A criativa cultura de resistência afro iniciada no período da escravidão marcou e estabeleceu as características para o que veio depois, ou seja, a construção cultural afro no regime de liberdade. Em toda a história do Brasil e do continente, a cultura afro vai distinguir-se pela resistência, e segue assim até os dias de hoje. As formas de resistência têm aspectos diferentes segundo as culturas e contextos diversos. O banto caracterizou um tipo de cultura de resistência. O nagô caracterizou outro tipo. O importante é que ambos fizeram da resistência um modo cultural de ser. Às vezes diante do protesto frontal do nagô aos opressores dá a impressão de que o banto está sendo concorde com a opressão devido à sua aparente passividade. Na verdade é preciso estar atento porque por detrás da aparente passividade está o mais veemente protesto. Com o banto foi assim que ocorreu.

2. O dinamismo da cultura afro no regime de liberdade.

O dinamismo da cultura afro que já era intenso no período colonial, verificou-se de maneira espetacular no período pós abolicionista. Se durante a escravidão emerge a cultura da resistência como instrumento contra toda prática de anulação do negro, na fase pós abolicionista a cultura do negro que segue sendo de resistência vai desde a recriação das formas de sobrevivência à uma postura cultural popular e nacionalmente reconhecida. O que significa isto? Significa que a ideologia da invisibilidade que foi uma das constantes no período da escravidão não logrou os resultados esperados.

Falando em invisibilidade estamos nos referindo a dois fatores. Um está ligado à cultura do trabalho no período da escravidão. Sabe-se que embora o negro fosse praticamente a única mão de obra produzindo serviços, entretanto o resultado deste trabalho não lhe era atribuído. O negro foi na verdade “a moeda corrente”, como diz Antonil, entretanto, a ideologia da

escravidão o negava enquanto pessoa e enquanto trabalhador. Até hoje estão ainda resquícios ideológicos de que o negro não trabalha, não é aplicado. E mesmo trabalhando, todavia pelo fato de não ser registrado, tendo que defender-se com o trabalho informal, o seu trabalho continua invisível.

Hoje, entretanto, é já passada a hora de desmascarar a ideologia da invisibilidade do negro no mundo do trabalho. Aliás, isto não é nada difícil. Basta perguntar: Se o negro não tem uma trajetória de trabalho e aplicação, quem fez o Brasil colonial? Portanto, por mais que os dominantes tenham tentado invisibilizar o negro, não o conseguiram efetivamente porque os feitos atestam o contrário. Os negros confirmaram sempre a sua presença seja pelo volume dos seus trabalhos, seja pelo engenho da cultura laborista produzida.

Semelhante processo ocorreu com a simbólica cultural afro. Perante a oficialidade ela é mantida na invisibilidade. Mais que isto, é como se não existisse. Do alto da Casa Grande, tudo o que se passava na Senzala não era nada mais que boçalidades. Do alto da soberba do senhor, jamais se poderia reconhecer o escravo como sujeito capaz de produzir cultura. Dos padrões de cultura definidos pela classe senhoral, os negros nunca poderiam alcançar níveis de cultura. Afinal Gobineau já os tinha definido como homens inferiores e incapazes. Entretanto, a verdade é que esta cultura do negro, pisada e repisada, sai da falsa invisibilidade para ser a marca distintiva da cultura nacional. É impossível definir cultura brasileira sem a concorrência da cultura afro.

A cultura afro no período pós-abolicionista tem dimensões de sobrevivência. Ou seja, excluídos dos novos conceitos de sociedade de classes instaurados na sociedade brasileira no final do século passado, o contingente negro recém saído da escravidão, e que até então era a mão de obra preferida, não adquire sequer a condição de exército de reserva. Passa diretamente para a situação de massa sobrando. Vitimados por esta situação, os negros vêm-se marginalizados, dando origem às favelas, sendo obrigados a se instalarem nos morros e a suportar a própria condição (7). Não houve um reparo social pela escravidão. Portanto, é bom que se diga que sobre o Estado brasileiro pesa uma hipoteca em favor da população afro nacional (8).

A cultura da sobrevivência que se instaura no período pós-abolicionista tem acumulada a si as características da resistência e mais ainda a luta do negro pela sobrevivência. Quando a história nos diz que após a escravidão houve escravos que voltaram aos seus antigos senhores, isto certamente não ocorreu por razões afetivas ou porque estivessem aprovando

o extinto regime de escravidão, mas evidencia a triste realidade em que os negros foram jogados após a hedionda experiência da submissão escravista.

A luta dos negros pela sobrevivência constituiu no Brasil e nas outras diásporas negras no mundo, não só um espaço geográfico ou social: harlém, guetos, favelas. Mas sobretudo um espaço cultural. A prova disto está nas diferentes expressões culturais que tiveram aí suas raízes, como por exemplo: diversas formas e ritmos musicais, expressões linguísticas, um jeito próprio de ser e de se apresentar e de conviver. Estas expressões no Brasil adquiriram formas inconfundíveis e são identificadas no samba, nas gírias, no jingado, no jeito malandro, nas formas de convivência nos morros. A malandragem, por certo, é expressão da cultura da sobrevivência.

Recriando-se desde à marginalidade e da mais sofrida periferia, o dinamismo da cultura afro chama a atenção pela capacidade de infiltração em todo o tecido cultural brasileiro. Da condição à margem, a cultura afro atinge o topo da cultura brasileira. Um processo deveras rápido. O negro saído da escravidão, no primeiro século de liberdade realiza conquistas importantes. A maior destas conquistas, sem dúvida, é ter dado à cultura brasileira o seu gênio próprio. Sem negro não há cultura brasileira, ou seja, os pressupostos afro brasileiros são básicos para o conceito de brasilidade cultural. Isto ocorre na religião, na música, no mundo artístico, no artesanato, no bio-tipo, nas artes marciais, nos esportes, etc. Apesar das tentativas de branqueamento, não há como negar: O Brasil é um país afro cultural.

O dinamismo cultural afro comanda o espetáculo desde o bumba meu boi de Parantins nas entranhas da Amazônia, até o deslumbrante carnaval do Rio de Janeiro. O dinamismo cultural afro pode ser tomado como uma espécie de vingança dos negros diante dos sofrimentos que lhes foram impostos. Uma ocasião lí em algum lugar que “a planta vinga-se do machado que a corta banhando-o com o perfume da sua resina”. Talvez, em relação aos afros, seja um pouco assim o que ocorreu.

3. O dinamismo da cultura afro religiosa.

A capacidade de recriação da cultura afro pode ser verificada sobretudo nas práticas religiosas. Tanto no que diz respeito à recuperação das tradições religiosas africanas, quanto à reconfiguração do catolicismo, o negro mostrou-se habilidoso e engenhoso. Primeiro foi o “Banto” a inculturar a fé cristã, fazendo ver a seus opressores clero e civís, que a sua cultura de origem é talvez mais apropriada para receber e transmitir a

mensagem cristã do que a soberba cultura ocidental. Não foi difícil demonstrar isto, pois uma cultura que escraviza não pode ser pretensamente denominada de cristã. A fé cristã é outra coisa totalmente oposta à escravidão. “Foi para a liberdade que o Cristo nos libertou”, afirma o autor da carta aos Gálatas.

Os Bantos demonstraram ainda que o ideal de vida comunitária que Jesus Cristo veio pregar e que o ocidente não consegue viver, é o que de mais importante ocorre na sua cultura. O culto à Nossa Senhora nunca foi tão sentido profundamente como entre os Bantos. As Irmandades ganharam novas expressões. Os Bantos, na verdade, recriaram o catolicismo tornando-o negro. Quem passa pelo Vale do Jequitinhonha encontra nas Congadas, por exemplo, vivas expressões do catolicismo banto.

Com semelhante postura e com seu jeito próprio, os Nagôs irão artesanizar a fé cristã com suas tradições religiosas. O resultado deste trabalho artesanal foi a consagrada simbiose que olhos despreparados viram como nefasto “sincretismo”, mas que para a comunidade negra trata-se apenas e tão somente de traduzir em categorias religiosas africanas os valores comuns da fé: o respeito ao sagrado, a presença de Deus entre nós, a caridade que emana do compromisso com Deus, etc.

A recriação cultural afro mostrou-se sobremaneira engenhosa na recuperação e organização da Religião dos Orixás. A escravidão desmontou e impediu por completo a continuidade do culto aos Orixás. Sacerdotes e sacerdotisas reduzidos à condição de escravos foram trazidos para um e outro lugar, enquanto os fiéis foram retidos em outro. Tudo parecia para sempre eliminado. Alguns séculos depois, às escondidas e de forma pacienciosa, o Candomblé foi aos poucos reorganizado e de maneira tão fiel que causou admiração aos atuais Babalorixás africanos que estiveram na Bahia nos anos 80.

A cultura religiosa afro é das expressões mais vivas da cultura negra no Brasil. Com ela encantou-se Roger Bastide. Pierre Verger ao encontrá-la deixou de ser apenas seu pesquisador para tornar-se fiel. A religiosidade e a mística brasileiras passam pelas tradições afros. Embora vivamos uma fase em que o novo pentecostalismo assumiu a antiga postura da Igreja, e faz um frontal combate às religiões afro, o diálogo religioso incentivado pela inculturação por parte da Igreja Católica e das Igrejas Protestantes históricas, tem aumentado e manifestado gestos de solidariedade. De qualquer maneira, a exuberância da cultura religiosa afro brasileira é um fato incontestável.

4. Conclusão: A cultura afro na perspectiva do novo milênio

Sobre o novo milênio projeta-se uma expectativa cultural. Interpretando os sentimentos da comunidade negra, creio que toda ela quer que o novo milênio venha o mais rápido possível. Este milênio que agoniza, foi particularmente terrível para com a nação africana. Basta lembrar que na primeira parte do milênio, cerca de dez milhões de negros e negras foram arrancados da Mãe África e levados como escravos para as Arábias e algumas regiões da Europa (Portugal, Espanha).

Quando o tormento parecia terminar, veio a escravidão nas Américas, onde então novamente, mais de dez milhões foram transportados e reduzidos à situação de escravos. De igual modo este milênio foi cruel para com as mulheres. E o que diriam então os indígenas? Só estes fatos seriam já o suficiente para justificar o anseio pela chegada do novo milênio. Mas, por certo, a expectativa vai mais longe.

É preciso que o novo milênio seja sobretudo culturalmente diferente. E isto no sentido mais amplo do termo e da realidade que a cultura abrange. É necessário ensinar uma cultura econômica diferente, que seja capaz de superar a selvageria do levar vantagem e obter o maior lucro a todo custo. Propugnar por uma cultura de culturas, onde cada povo não tenha que abdicar dos seus valores de origem, mas possa somá-los na riqueza da variedade e da interculturalidade.

Urge em nossos tempos uma cultura da não exclusão, da construção real de uma sociedade onde caibam todos. Uma cultura onde a mulher não tenha que travestir-se de homem para que seus argumentos sejam ouvidos, e nem o negro que branquear-se para ser minimamente respeitado. Uma cultura de homens e mulheres, brancos e negros iguais, em que a divindade pode ser chamada de Deus, Olorum, Zambi, Tupã, não importa, mas que seja sempre o Deus da Vida.

O dinamismo da cultura afro a partir das comunidades tem mostrado nos últimos tempos aspectos muito interessantes. A recriação cultural afro manifesta-se desde o movimento “fanki” até às manifestações religiosas. Fazendo um corte histórico e tomando a presença afro no cenário nacional a partir do final da década de 70 para cá, há na verdade uma exuberante manifestação de recriação cultural. Este corte não é aleatório. Como pode-se falar da história política dos movimentos sociais e populares no Brasil antes e depois da ditadura de 64, é apropriado falar também da história do

movimento afro brasileiro acentuando tal referência. O que vem antes de 64 podemos abordar em outro momento, o importante aqui é constatar que a retomada dos movimentos sociais populares no final da década de 70, foi marcada também por nova movimentação no âmbito da comunidade negra. Os movimentos negros que emergiram na sociedade civil e na Igreja a partir deste período, são conhecidos e já tivemos a oportunidade de estabelecer seus perfís em anteriores publicações (9). Ocorre aqui sublinhar os aspectos culturais trabalhados nesta nova e recente fase do movimento afro brasileiro.

Dois marcantes acontecimentos podem servir de referência para a retomada das atividades em meio à comunidade negra. Na sociedade civil como um todo, o grande acontecimento foi o surgimento do Movimento Negro Unificado em 1978. Também neste mesmo ano, deu-se o despertar da Igreja para a realidade da comunidade negra. Isto ocorreu na ocasião da preparação para a Assembléia de Puebla. Portanto, seja na esfera civil, que na área pastoral, os grupos negros e as atividades cresceram ao longo da década de 80.

Sob o ponto de vista econômico, os anos 80 ficaram na memória como a “década perdida”. As razões de tão nefasta memória foram as consequências da dívida externa. Apesar desta marca desabonadora, aquela década foi um período de grande difusão do movimento negro por todo o território nacional. Os movimentos negros multiplicara-se. A consciência negra ampliou-se. No âmbito da Igreja, por exemplo, os movimentos negros ligados às pastorais, exigiram gestos concretos tais como a Campanha da Fraternidade sobre o negro, no ano de 1988.

A Campanha da Fraternidade foi, sem dúvida, um excelente instrumento de reflexão nacional sobre os problemas que afetam a população afrodescendente. Temas que até então eram camuflados e até mesmo quase que proibidos, vieram à tona e passaram a ser discutidos abertamente.

A Campanha da Fraternidade sobre o negro, realizada em 1988 colaborou de forma significativa para que temas até então camuflados e quase que proibidos, viessem à tona e passassem a ser discutidos abertamente. A partir da Campanha foi possível tratar questões como por exemplo: o racismo na sociedade em geral e inclusive nas igrejas; o reduzido número de negros e negras na Vida Religiosa e no clero; a acentuada marginalização da população negra nas diversas esferas: política, econômica, social, etc.

Entendendo a cultura na sua clássica definição de ação concreta sobre o meio circundante (natureza, meio ambiente, relações pessoais e grupais), mas também como criação do universo simbólico, a comunidade negra segue

fazendo cultura na atualidade através das mais diversas expressões. Algumas destas expressões estão bem caracterizadas pela ação do movimento negro brasileiro em geral.

Não é demasiado lembrar que o primeiro momento da militância negra foi marcado pela tomada de consciência do que infelizmente há de mais óbvio, a flagrante marginalização da população negra ao longo da história. O eixo desta cruel situação histórica foi a escravidão e suas consequências. Portanto, o ponto de referência é a memória do passado como fator preponderante para a compreensão das situações presentes. A militância negra nas pastorais relacionou a situação de escravidão no continente durante o vasto período colonial, com a escravidão dos hebreus no Egito, como chave de leitura político-religiosa. O resultado desta metodologia foi imediato sobre a população negra em geral, possibilitando de forma didática a compreensão dos motivos estruturais do seu histórico sofrimento.

O segundo momento, e evidente está que isto não significa uma sucessão apenas cronológica, foi marcado pelo empenho na recuperação da identidade. A recuperação da identidade é um fator cultural, ou seja, a compreensão do eu passa pela cultura que me rodeia. O movimento de recuperação da identidade vivido pela comunidade negra caracterizou uma real “ação cultural” que encontra na categoria da “negritude” a sua melhor expressão. A negritude é a um só tempo memória e realidade, passado e presente, cultura de origem e dinâmica cultural, redescoberta da Mãe África sem deixar de assumir a realidade geográfica em que se vive.

Trabalhando a identidade em chave de negritude, a comunidade negra proporcionou sobretudo uma prática de auto-estima. A beleza e profundidade das culturas negras, seja no contexto africano que na afroamérica, foram colocadas em evidência neste segundo momento. Portanto, a referência diversificou-se. Além do negro historicamente sofrido e conseqüentemente marginalizado, agora afirma-se de maneira toda positiva o negro bonito que encontra na excelência das suas origens culturais a expressão do seu ser. Danças, símbolos, gestos, assim como no momento anterior mostravam o negro acorrentado, submisso, maltratado, agora neste segundo momento destacam o negro criativo, resistente, combativo e culturalmente exuberante.

O terceiro momento corresponde à fase atual da militância na comunidade negra de modo geral. Este momento é caracterizado pela ocupação de espaços. Decididamente o negro pleiteia participação na sociedade, o que significa política e socialmente, reivindicar cidadania. É inquietante o fato de que em tempos difíceis como hoje, pela primeira vez na

história do Brasil, 10% da população negra atinge o nível de classe média. Este percentual embora pequeno, corresponde aproximadamente a 7,5 milhões de negros.

É, portanto, significativo e ao mesmo tempo inquietante. Significativo porque, em que pese a condição capitalista, mostra mais uma vez que mesmo em condições desfavoráveis o negro rompe barreiras e atinge metas que dentro do sistema foram lhe historicamente negadas. Ao mesmo tempo é inquietante pelo próprio papel histórico e a condição de suspeita que pesa sob a “classe média”.

A classe média negra jogará o mesmo papel de subalternidade orgânica junto à classe dominante como tem sido sempre o papel jogado pela classe média ao longo da história do capitalismo? Pior ainda, o negro classe média significará um distanciamento do negro pobre e uma aproximação da condição branca não só e em status mas em ideais e procedimentos? Como ser negro classe média, ou seja, estar entre os emergentes 10% da população negra sem deixar de ser solidário com os 90% desta mesma população que vive em situações sobejamente conhecidas? Este é, sem dúvida, um grande desafio para a comunidade negra.

Apesar das inquietações, este fato novo pode ser incorporado também à política negra de ocupação dos espaços. Isto vem ocorrendo não sem grandes esforços na mídia, na cultura musical e em outras áreas também. Significativa tem sido a ocupação dos espaços na esfera da política. Diversas figuras negras, embora em número muito mais reduzido do que o que se espera, têm passado pelo governo dos Estados como no Rio Grande do Sul, Espírito Santo, e Prefeituras importantes como a de São Paulo. O mesmo tem ocorrido no Senado e nas Assembléias federal e estaduais. Talvez que a ocupação de espaços mais significativa é a que vem se dando nos municípios através dos Conselhos da Comunidade Negra. São espaços que bem trabalhados politicamente podem arregimentar a comunidade e mostrar o seu poder de reivindicação.

Esta ação de ocupação de espaços verificada nas distintas esferas da sociedade, vem ocorrendo também na Igreja. No episcopado é apenas simbólica, mas entre os padres cresce significativamente o número de negros. O mesmo ocorre na Vida Religiosa. É evidente que esta ocupação de espaços não ocorre sem conflitos abertos ou velados. Afinal, trata-se de superar práticas discriminadoras secularmente consagradas. De qualquer maneira, o fato da presença cultura negra, até então confinada à margem, ocupar cada vez mais o seu verdadeiro lugar no conjunto da sociedade brasileira, é, sem dúvida, um esperançoso sinal na soleira do novo milênio.

Questões:

1. Fazer um elenco dos símbolos culturais afros de resistência e discorrer sobre o significado de cada um deles.
2. O negro é um produtor cultural na atualidade? Em quais áreas?
3. Segundo os meios de comunicação, 10% da Comunidade Negra atingiu o nível de classe média. Como você vê isto?

Notas

1. Estamos nos referindo à obra de Nina Rodrigues: Os Africanos no Brasil, editada pela Companhia Editora Nacional/INL, São Paulo, 1976, 4^aed., resultado das pesquisas do médico escritor, realizadas no período de 1890 a 1905.
2. Mt 10, 28.
3. Ianni, Octavio, Imperialismo e cultura. Vozes, Petrópolis, 1976, p. 7.
4. Sobre “banzo” ver Antônio Aparecido da Silva, “Movimento Negro: Uma constante na história do Brasil”, in Curso de Verão 88, ed. Paulinas, São Paulo, 1988, p. 179.
5. Ramos, Arthur, “As Culturas Negras em Cuba”, in As Culturas Negras no Novo Mundo, Companhia Editora Nacional, SP., 1979, p. 88.
6. Ianni, op. cit., p. 9.
7. Sobre a marginalização do negro no mundo do trabalho no período pós-abolicionista, ver a obra de Florestan Fernandes: A Integração do Negro na Sociedade de Classes. São Paulo, Editora Ática, 1978. Vol. I e II.
8. Sobre as dívidas do Estado Brasileiro para com a Comunidade Negra, ver: “Uma Dívida, Muitas Dívidas - Os Afro-brasileiros querem receber”. São Paulo, Atabaque: Cultura Negra e Teologia, 1998.
9. Curso de Verão 88, op. cit. p. 181.